



Afonso Brito Bandeira

Mestrando no PPGRI San Tiago Dantas e pesquisador do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES). Possuiu bolsa da Demanda Social da CAPES com a qual o artigo foi produzido. É atual bolsista FAPESP (processo: 2024/19612-0).

OS AFETOS E AS GUERRAS: UMA CONTRIBUIÇÃO SOBRE O APEGO DE MILITARES À ESTÉTICA TECNOLÓGICA DAS ARMAS A PARTIR DE ALLIEZ E LAZZARATO, KALDOR E CHAMAYOU

AFFECTS AND WARS: A CONTRIBUTION ON MILITARY ATTACHMENT TO THE TECHNOLOGICAL AESTHETICS OF WEAPONS BASED ON ALLIEZ AND LAZZARATO, KALDOR, AND CHAMAYOU

RESUMO: Com base nas obras *Guerras e Capital*, de Alliez e Lazzarato (2021), *El Arsenal Barroco*, de Kaldor (1986) e *Teoria do Drone*, de Chamayou (2015), neste artigo aborda-se a relação entre capital, afetos e a estética tecnológica das armas. Argumenta-se que o capital é um produtor de afetos pró-guerra e, por meio desses elementos, faz os militares engajarem a necessidades capitalistas de fomento a conflitos bélicos. Isso se dá pelo apego afetivo militar à ilusão de que o maior desenvolvimento tecnológico dos sistemas de armas é sinônimo de eficiência tecnológica no enfrentamento de guerras cada vez mais caóticas. Em um primeiro momento, trata-se sobre o capital de modo conjugado ao debate sobre o que são os afetos e a questão da estética. Em seguida, pretende-se avançar para uma discussão sobre a persuasão tecnológica sobre os militares por meio de complexos sistemas de armas como os drones. Por fim, apresenta-se um breve estudo de caso sobre o USS Abraham Lincoln, um dos principais porta-aviões da marinha dos EUA em atuação. Com recentes atualizações tecnológicas em sua estrutura, essa embarcação de guerra se apresenta como um sistema de armas cuja estética o torna fonte de dinâmicas afetivas em operações militares.

Palavras-chave: Afetos; Capital; Conflitos; Estética tecnológica das armas; Militares.

ABSTRACT: Based on the works *War and Capital*, by Alliez and Lazzarato (2021), *El Arsenal Barroco*, by Kaldor (1986) and *A Theory of the Drone*, by Chamayou (2015), in this article the relation between capital, affects, and the technological aesthetic of weapons is explored. The argue is that capital functions as a producer of pro-war affects and, through these elements, engages the military on the capitalist need for war conflicts. This occurs by the military attachment on the illusion of high technological development of the arms systems as a synonym of technological efficiency on the resolution of chaotic wars. First, the discussion is about the capital along with the debate of what affects are and the matter of aesthetics. Afterwards, intends a discussion about the technological persuasion over the military through complex arms systems such as the drones. Finally, the article is closed with a brief case study about the USS Abraham Lincoln, one of the main US Navy's aircraft carriers still operating. With recent technological updates on its structure, this warship emerge as an arm system whose aesthetic turns it into a source of affect dynamics over the military.

Key-words: Affects; Capital; Conflicts; Military; Technological aesthetic of weapons.

1 Introdução

A *guerra* é, para os pesquisadores em ciências sociais, o que o câncer é para os médicos: um problema vastamente debatido, porém sem vislumbres de compreensão ou solução definitivas. Como visto em Antoine Bousquet (2009; 2024), desde a lógica rígida e pouco flexível do gerenciamento dos campos de batalha do século XVII, até a necessidade de adaptabilidade por parte dos exércitos em face à imprevisibilidade dos conflitos do século XXI, a guerra se multiplica e se aprofunda de maneira caótica, porém ordenada¹. É em suas formas moderna e contemporânea que a guerra se torna um fenômeno político ainda mais grave, ao assumir de forma clara o papel de estandarte da lógica de produção que governa o mundo ocidental, isto é, o capital.

Sob o ritmo de tal lógica, a guerra se torna *as guerras*, na medida em que o capital se expande por meio da promoção do conflito em mais de um aspecto da sociedade, como por exemplo o meio-ambiente, a cultura, a classe, o gênero e o racial. Neste texto, busca-se discutir como o capital se expande nessas dimensões ao tornar os corpos e as mentes dos indivíduos os campos em que primeiro insemina suas guerras, ao trazer à tona uma discussão ainda emergente nos estudos sobre os conflitos internacionais: os afetos. Aqui, portanto, o foco é argumentar que os afetos são um ponto fundamental para entender as guerras, com base no debate sobre os sistemas de armas e como os militares - agentes ativos na execução de conflitos bélicos - são *afetados* pela imagem complexa da tecnologia que compõem tais sistemas.

Em um primeiro momento, a discussão sobre o capital proposta por Éric Alliez e Maurizio Lazzarato (2021) é salientada neste texto, conjugada ao debate sobre o que são os afetos, à relação que esses elementos possuem com a estética, e à produção afetiva por parte do capitalismo. Em seguida, avança-se para uma discussão sobre os complexos sistemas de armas propriamente ditos e cujo cerne são os postulados de Mary Kaldor (1986) e Grégoire Chamayou (2015). Por fim, com base em uma análise visual e interpretativa, é colocado à discussão um breve estudo de caso sobre o USS Abraham Lincoln, um dos principais porta-aviões da marinha dos EUA em atuação, que serviu de palco para o discurso de George W. Bush sobre o sucesso das atividades militares estadunidenses no Iraque em 2003. Com

¹ Bousquet aponta a existência de pelo menos quatro lógicas de guerras: *mecanística* (do século XVII ao XVIII), marcada pela pouca flexibilidade do gerenciamento de conflitos; *termodinâmica* (da segunda metade do século XVIII à Segunda Guerra Mundial), ditada pelo alto gasto de energia dos Estados em conflitos militares; *cibernetica* (da segunda Guerra Mundial até meados da Guerra Fria), caracterizada pelo estabelecimento de uma arquitetura de informação, controle e comando; *complexa* (de meados da Guerra Fria até o presente), na qual há o surgimento de variados atores que expandem a guerra de maneira caótica e ordenada.

recentes atualizações tecnológicas em sua estrutura, essa embarcação de guerra se mostra um sistema de armas cuja estética o torna fonte de dinâmicas afetivas em militares.

É válido ressaltar que a metodologia usada para a escrita deste artigo está baseada no que Pouliot (2007) descreve como abordagem *sobjetivista*. Fundamentalmente, essa abordagem admite uma apreciação subjetiva sobre os objetos de estudo, sem deixar de lado a objetividade. A razão para a escolha dessa abordagem é que uma discussão acerca dos afetos é, em certa medida, mais bem construída com base em indução e interpretação. Essa é uma maneira de colocar em questionamento o distanciamento objetivo da esteira durkheimiana da qual trata Bourdieu (2013), uma vez que o distanciamento mínimo objetivo coincide com o distanciamento subjetivo máximo (Bourdieu, 2013, p. 230) em uma análise social. Isso quer dizer que, por exemplo, para melhor compreender as relações de força em uma dada sociedade, faz-se necessário partir de uma visão interna àquela sociedade, isto é, a partir de um ponto de vista subjetivo².

No entanto, relatos subjetivos não são suficientes como lastro empírico para verificar hipóteses (Campello, 2022, p. 22), portanto, faz-se necessário ainda um certo distanciamento daquilo que se pretende analisar. Neste artigo, a discussão se dá sobre a fronteira subjetividade-objetividade ao discutir o tema dos afetos: sob certa neutralidade com base em relatos e textos oficiais da Marinha dos EUA, baseia-se uma análise interpretativa sobre o que os dados empíricos dizem respeito às dinâmicas afetivas entre os militares.

A conjugação dessas partes conclui que os afetos produzidos pelo capitalismo são elementos que fazem os militares engajarem a necessidades capitalistas de fomento a conflitos bélicos. Isso se dá pelo apego afetivo militar à ilusão de que o maior desenvolvimento tecnológico dos sistemas de armas é sinônimo de eficiência tecnológica no enfrentamento de guerras cada vez mais caóticas. Em outros termos, a conclusão é que os afetos grudam³ os militares à lógica capitalista da promoção de guerras por meio da estética tecnológica das armas.

²Como Campello (2022) lembra, um fato contingente para o desenvolvimento do pensamento de Marx partiu da experiência subjetiva de Friedrich Engels na Inglaterra. Enviado por seu pai, um notório industrial alemão da área têxtil, a uma das filiais de sua família em Manchester, Engels presenciou de perto a situação degradante a que os operários ingleses eram submetidos em suas rotinas diárias nas indústrias da cidade. De sua posição observadora nada distante e pela qual consequentemente aderiu-se de forma sensível à situação da massa proletária, Engels escreveu *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, um relato sobre a invisibilização e a desumanização do proletariado, bem como sobre a falta de interesse pelo o que os trabalhadores pensam ou sentem (Campello, 2022, p. 20).

³ Neste artigo, utiliza-se o termo “grudar” tendo como base os escritos de Sarah Ahmed (2014). A autora usa este termo no sentido de “coesão” e “adesão” (Ahmed, 2014, p. 15, tradução nossa) e como as emoções se configuram em elementos “grudentos” (Ahmed, 2014, p. 16, tradução nossa). No entanto, a autora discute essa face “pegajosa” das emoções ao ter como objeto de estudo textos escritos, enquanto no presente artigo, nós trabalhamos esta ideia por meio da estética tecnológica de sistemas de armas.

2 Afetos, capital e as imagens

Em primeiro lugar, é comum enquadrar os afetos como algo estritamente positivo, algo que remete somente à afeição. No entanto, a origem da palavra *afeto* (*affectus*, em *latim*) significa afetado (afeto, n.d.) ou inclinado, algo que não necessariamente relaciona-se com um estado emocional bom. Em termos mais gerais, *afeto é tudo aquilo que afeta as pessoas*, ou seja, tanto experiências positivas quanto negativas. Como aponta Michael Hardt (2015) ao citar os trabalhos de Baruch Spinoza, afetos são uma relação entre a mente e o corpo e, a partir desta definição, vamos além: afetos são fenômenos que criam a harmonia e a desarmonia na mente e no corpo. Por essa ótica, os debates afetivos englobam as discussões sobre as dinâmicas psíquicas dos indivíduos, dinâmicas essas que fazem parte da vida diária de cada pessoa como o medo, o amor, a dor, o nojo, a raiva, a inveja e o desejo. Em adição, para Martha Nussbaum (2008) e como apontado por Rolland Bleiker e Emma Hutchison (2014), emoções, sentimentos e afetos fazem parte dos atos avaliativos - atos racionais - dos indivíduos. Um exemplo desta ideia é a culpa, que faz os sujeitos reverem suas ações e decisões que eventualmente foram tomadas de forma equivocada no passado. Nesse sentido, os afetos dizem respeito às emoções e aos sentimentos, mas também a ações racionais que levam os indivíduos a refletirem sobre determinadas situações.

Os afetos, então, são de difícil compreensão, uma vez que fazem parte de dimensões racionais, mas são fundamentalmente de natureza subjetiva. São elementos que colocam em pauta a dualidade entre *Subjetividade e Racionalidade*, divisão própria do racionalismo, pois tratam essas facetas não como oposições, mas como complementaridades. Portanto, a dificuldade de se entender afetos não pode nos afastar de um tema que fornece mais um caminho para a compreensão da violência diária que afeta os nossos próprios corpos. Logo, para esclarecer a importância dos afetos, é necessário uma discussão sobre a obra *Guerras e Capital* (2021), de Éric Alliez e Maurizio Lazzarato, a qual nos fornece um ponto de apoio na discussão sobre conflitos internacionais e a afetividade. Para os autores (Alliez, Lazzarato, 2021, p. 13), o capital, sob a forma do capitalismo, constitui-se sob o tripé *guerra-moeda-Estado*. Assim, comprehende-se que o desenvolvimento do capitalismo depende da aceitação universal de relações sociais baseadas em um quadro mercadológico, aceitação que é guiada e moldada pela violência perpetrada por meio do uso - visto como legítimo - da força pública pelo Estado. Dessa violência emergem as *guerras*, conflitos que adentram em variadas instâncias da vida diária, como a política, a social e a economia, e passam a fazer a

manutenção de dinâmicas sociais que em última instância visam o lucro e, por consequência, a sobrevivência do capitalismo.

O ponto em destaque é que desde o processo de colonização no século XVI, o capitalismo não só se operacionalizou nas dimensões materiais, como também agiu nos territórios existenciais, nas cosmologias e mitologias (Alliez, Lazzarato, 2021, p. 56) nos valores basilares que constituem as identidades dos indivíduos. O capitalismo, então, atua nas dimensões imateriais e, mais especificamente, para Alliez e Lazzarato (Alliez, Lazzarato, 2021, p. 55-60), o capitalismo produz, em primeiro lugar, as subjetividades. É válido sublinhar, que tais subjetividades (capitalistas) são necessárias à produção, consumo e reprodução do capital (Alliez, Lazzarato, 2021, p.57). Considerando que a dimensão afetiva dos indivíduos é marcadamente fundada em subjetividades, infere-se que o capitalismo é um relevante produtor de afetos.

A subjetividade, portanto, não deve ser evitada por campos científicos que andam sob uma persistente sombra racionalista e estruturalista, como o campo das Relações Internacionais. Uma vez que, os afetos são produzidos pelo capitalismo, eles não só se tornam elementos fundamentais para as guerras necessárias à sobrevivência do capital, mas são, também, um dos primeiros produtos capitalistas. Esse quadro conclui que os conflitos fomentados pelo capital são realizados, em um primeiro momento, no interior dos indivíduos ao *criar harmonias e desarmonias nos corpos e nas mentes*, questão que não é nova para os debates feministas (Federici, 2019) e queer (Gluckman, Reed, 1997) que discutem como os corpos e o psicológico feminino e LGBTQIA+ são afetados pelas dinâmicas capitalistas. De certo modo, esse paralelo entre a harmonia e desarmonia afetivas e as questões feministas e queer convergem, já que segundo Clough (2008), os debates sobre afetos nas ciências sociais ganham força no final da década de 1990 por meio desses dois debates.

Mas na relação *afetos-capital*, existe ainda um elo: a imagem. Ao refletir sobre a virada estética, Bleiker (2001) argumenta sobre a existência de um espaço entre a forma a ser representada e a representação de fato - a imagem -, sendo a distância entre as duas um lugar político. Nesse sentido, a imagem é o que emerge desse lugar político e essa ideia é complementada por Sontag (2004, p. 8) ao dizer que as imagens são experiências capturadas. Posto isso, entendemos que o que é capturado e se transforma em algo imagético são visões imbuídas de cultura, de política e de ideologias (experiências) que em conjunto formam quadros ou, segundo Sontag (2004), antologias de guerras.

Essas antologias de guerras são formadas, em parte, por visões que se encontram culturalmente, politicamente e ideologicamente a favor das guerras. Nesse sentido, as imagens

que emergem do lugar político- o espaço que separa aquilo que deve ser representado e o que de fato é representado- são imbuídas ontologicamente e epistemologicamente por subjetividades capitalistas. Isso é importante, pois é necessário ainda evidenciar que em seu texto, Sontag (2004) versa especificamente sobre fotografias, mas fotos, desenhos, arquitetura, entre outros, são considerados meios eficientes para se estudar as dinâmicas afetivas, visto em trabalhos como de Reeves (2018, p. 103 - 127)⁴ e Reinke de Buitrago (2016)⁵. Isso se dá porque, segundo Ahmed (2014), as emoções são construídas por meio da relação entre os indivíduos e os objetos que transitam no meio social, como as imagens em formas de fotos, desenhos ou formas arquitetônicas. Assim, as sensações provocadas pela relação social indivíduo-imagens emergem nos corpos dos sujeitos, afetam suas mentes e inauguram as dinâmicas afetivas. Uma vez que, as sensações são também frutos de imagens produzidas por subjetividades capitalistas, as dinâmicas afetivas que surgem são fundamentalmente pró-guerra.

3 As imagens barrocas dos sistemas de armas como despertadores de afetos em militares

Para discutir sobre afetos, capital e imagem de maneira mais clara, é necessário discutir, primeiramente, a obra *El Arsenal Barroco* (1986), de Mary Kaldor. O principal ponto da autora é argumentar que não há relação harmônica entre a evolução da tecnologia militar e o aumento da eficiência das próprias estruturas militares. Segundo Kaldor (1986), a base militar do setor bélico moderno foi criada na Segunda Guerra Mundial, a partir da associação entre o setor militar e as empresas de automóveis e aviões, o que auxiliou na preservação da estrutura industrial dos anos quarenta. Após a primeira metade do pós-guerra, a complexificação da tecnologia militar serviu mais como um meio para que as empresas de tecnologias não caíssem em declínio. Com o passar do tempo, essa lógica se expandiu artificialmente e causou uma distorção sobre o conceito de avanço tecnológico ao dar ênfase ao perfeccionismo de produtos complexos personalizados (Kaldor, 1986, p. 3).

⁴ Reeves argumenta no capítulo em questão como o impacto da arquitetura do *Imperial War Museum* de Londres influencia afetivamente a postura física das pessoas sobre a questão da guerra. Para estudar os efeitos afetivos sobre esse caso, a autora se utiliza da autoetnografia para entender suas próprias experiências emocionais e sentimentais em meio às salas temáticas do referido museu, contrastando-as com as experiências relatadas no site TripAdvisor por outros visitantes do local.

⁵ Na obra referenciada, a autora aborda como a identidade iraniana é construída em discursos da política de segurança dos EUA ao usar além da análise qualitativa sobre documentos oficiais, a análise visual de *cartoons* propagados na mídia estadunidense e cujos temas dizem respeito ao Irã, à liderança iraniana e à relação EUA-Irã no contexto do acordo nuclear de 2015. Seu objetivo é discutir como se dá o impacto emocional nas representações estadunidenses sobre o outro e sobre os EUA.

Para a autora, isso ocasionou uma outra perversidade: o desenvolvimento da tecnologia usada pelos exércitos não acompanha o desenvolvimento dos militares, uma vez que a especialização das forças armadas tem em vista os sistemas de armas e não o contrário. Em resumo, o desenvolvimento tecnológico militar cria necessidades para os soldados, e não os soldados criam necessidades para o desenvolvimento tecnológico militar. À vista disso, é seguro dizer que o capitalismo incute nos militares a necessidade à guerra, um desejo de se especializar cada vez mais para o combate.

Em sua obra, Kaldor (1986) afirma que esse cenário faz parte do que ela chama de "barroquização" da tecnologia militar, ou seja, a adição de componentes tecnológicos sofisticados aos sistemas de armas sem significar, contudo, o aumento da pertinência. Essa complexificação atua de forma visível na constituição material dos armamentos, de tal forma que mesmo o aumento do tamanho de um porta-aviões é suficiente para que se argumente que esse sistema de armas se sofisticou tecnologicamente (Kaldor, 1986, p. 16). Considerando que Kaldor escreveu o referido livro ainda em meio à Guerra Fria, a ideia de que quanto mais um sistema de armas cresce em tamanho, mais sofisticado ele é, choca-se com o avanço tecnológico ocorrido nas primeiras décadas do século XXI, que entregou, por exemplo, microprocessadores e *hardwares* mais compactos que fertilizam o imaginário coletivo sobre o futuro da guerra. É o que Bousquet (2024) postula ao afirmar que enxames robóticos - microrrobôs que lembram moscas, de baixo custo de produção e geridas por inteligência artificial - podem ser sistemas de armas centrais em hiperguerras⁶.

Mas mesmo que o assunto abordado em *El Arsenal Barroco* possa estar desatualizado em exemplos de sistemas de armas, Kaldor é atemporal no que diz respeito ao debate sobre a persuasão da tecnologia sobre o homem a partir de atributos tecnológicos. Vale lembrar que, enquanto um movimento da contrarreforma financiado pela Igreja católica, o Barroco entalhava construções religiosas com adornos ricamente detalhados, por vezes preenchidos com ouro. O objetivo era maravilhar as pessoas e atraí-las para o lado da religião em um contexto iluminista em que a Igreja perdia força e fiéis. Esse é um caso claro em que a estética da imagem - algo fisicamente visível - atua como uma fonte auxiliar na conquista de corações, corpos e mentes e esse é o cerne da crítica de Kaldor.

Em um contexto capitalista, no qual é necessário batalhões de indivíduos para o fomento das guerras, a barroquização dos sistemas de armas maravilha e reúne os indivíduos militares ao promover um amor, um temor, um desejo pelo perpétuo aperfeiçoamento dos

⁶ Segundo Bousquet (2024), as hiperguerras são formas de conflitos futuros nos quais não haverá decisões humanas, somente ações tomadas por máquinas autônomas.

soldados e das próprias tecnologias para, nas palavras de Kaldor, a chegada do juízo final (Kaldor, 1986, p. 15). Esse termo, de cunho religioso, é condizente com a alma quase divina que esses sistemas de armas adquirem a partir dessa barroquização, uma vez que o aumento na complexificação de seus componentes tecnológicos expande a onipotência e onisciência que os militares acreditam serem próprias dessa evolução tecnológica. Em *Teoria do Drone* (2015), Grégoire Chamayou discute justamente a figura supostamente magnífica e imponente que os drones militares passam a ter especialmente no imaginário de militares.

Segundo o autor (Chamayou, 2015, n.p.), devido à sua capacidade tecnológica de ponta, o drone é equiparável à imagem do olho de Deus, ou seja, um ser quase místico capaz de pairar indefinidamente sobre todas as pessoas, observá-las através de seus corpos e julgá-las culpadas ou inocentes segundo o monitoramento diário feito por essa figura divina. Em suma, nada escapa da visão desse sistema de armas devido às suas câmeras, rastreadores e mísseis que ao invés de vigiar e punir, caça e aniquila (Chamayou, 2015, n.p.). É essa característica tecnológica dos drones que os concede a estética da invulnerabilidade.

No livro de Chamayou (Chamayou, 2015, n.p.), a principal justificativa dos defensores do uso dos drones em operações das forças armadas, muito dos quais militares, é a de que esses aparatos tecnológicos são precisos em suas ações e que, por consequência, os danos colaterais seriam reduzidos. Apesar disso, como apontado por Chamayou, essa justificativa não encontra respaldo na realidade, pois a maior precisão do drone não quer dizer, necessariamente, que as zonas de impactos de mísseis sejam reduzidas e não matem civis, ou que a identificação de suspeitos não fique comprometida devido a uma série de fatores, como a distância entre o drone e o chão. Segundo dados do projeto *Costs of War* (Costs of War, 2025), por exemplo, até o momento os drones auxiliaram na morte de mais de 408 mil civis em guerras travadas pelos EUA após o 11 de setembro de 2001. E como lembra Chamayou (Chamayou, 2015, n.p) ao citar militantes paquistaneses em protestos contra o uso de drones militares em seu país, se terroristas invadissem uma escola nos EUA e fizessem as crianças de reféns, o Estado não enviria drones para lançar mísseis nas cabeças dos insurgentes, mas, sim, encontrariam um jeito mais eficiente de se infiltrar no edifício e neutralizar a ameaça sem causar uma baixa civil.

Esse é um exemplo concreto do que Kaldor (1986) fala sobre a sofisticação dos sistemas de armas não significar necessariamente um aumento da sua vantagem do ponto de vista estratégico e prático. E no entanto, o argumento da precisão dos drones ainda é usado para legitimar o uso dessas armas em operações militares. Isso indica que a tecnologia empregada na fabricação desses sistemas armados serve para construir uma imagem dos

drones que atrela a complexidade tecnológica à eficiência, um método discursivo que desencadeia processos afetivos nos militares que mobilizam seus corpos a aceitarem o uso desses equipamentos em suas corporações. Além disso, o apego afetivo a essas evoluções nos sistemas de armas leva os militares a inconveniências, como o alto gasto na aquisição dessas novas tecnologias ao invés de despender financiamento em pesquisa e desenvolvimento, treinamentos, exercícios e munições (Kaldor, 1986).

É válido sublinhar ainda que, em um de seus primeiros capítulos, Chamayou (Chamayou, 2015, p.n) já destaca que a origem histórica dos drones data da Segunda Guerra Mundial, quando as aeronaves não tripuladas serviam de treino para tiro de combatentes dos EUA. Após o fim do conflito, os estadunidenses deixaram os drones de lado, mas em 1995 a General Motors passou a desenvolver o *Predator*, aquele que viria a ser um dos drones mais famosos do exército dos EUA. Além desse apontamento do autor corroborar com o que Kaldor levanta sobre as empresas de veículos sendo fundamentais para o desenvolvimento tecnológico de armamentos, aqui se destaca como as nomenclaturas dessas armas também servem para construir a estética militar dos drones: tanto o *Predator* (“predador”, no inglês) como, por exemplo, o drone *Reaper* (“ceifador”, na tradução para o português), carregam nomes que auxiliam na construção de um elemento da estética da eficiência tecnológica militar: a morte.

É dessa estética da eficiência tecnológica militar - ou estética da morte - que se alimentam as guerras perpetradas pelo capital. Parte daí uma dinâmica afetiva que é guiada pela ideia da morte, do juízo final, que, a partir desse barroquismo, desperta afetos em militares que os recrutam psicologicamente para o combate de guerras que reproduzem e aprofundam a lógica de conflitos. A próxima seção discutirá essa questão com um outro exemplo para além dos drones vistos em Chamayou: o caso do USS Abraham Lincoln, um porta-aviões que mais recentemente recebeu atualizações tecnológicas para o bem-estar de seus tripulantes e que em 2003 foi palco de um discurso propagandístico do então presidente George W. Bush sobre as atividades militares dos EUA na invasão ao Iraque.

4 O caso USS Abraham Lincoln

Em 1º de maio de 2003, o então presidente George W. Bush, a bordo do avião militar S-3 Viking, pousou no porta-aviões USS Abraham Lincoln, que estava atracado na costa da Califórnia. O intuito era fazer um pronunciamento televisionado sobre as atividades militares supostamente bem-sucedidas dos EUA no Iraque, que haviam se iniciado no dia 20 de março

daquele mesmo ano. Seu discurso, além de televisionado, estampou as manchetes de jornais como *The New York Times* (Retro News Now, 2018) com a mesma foto usada para destaque das matérias: o presidente no palanque, debaixo de uma faixa em que se lia “Missão Cumprida” e o USS Abraham Lincoln como cenário principal da fala de Bush. Esse episódio, o qual foi conhecido como uma declaração precoce de vitória estadunidense e que o referido presidente viria a se arrepender anos depois, foi marcado pelo uso propagandístico do USS Abraham Lincoln - além do S-3 Viking - para o discurso presidencial referente à Guerra ao Terror. Isso porque o porta-aviões é um símbolo no qual podemos encontrar a noção de estética tecnológica barroca e a mobilização afetiva pelo capital, especialmente sobre os militares estadunidenses.

O USS Abraham Lincoln é uma das principais máquinas de guerra em atividade usadas pela marinha dos EUA. Segundo fontes oficiais da marinha estadunidense (EUA, 2024), o CVN 72 - outro nome dado à embarcação - é, juntamente com outros porta-aviões, a centralidade de suas operações que se constituem por prover suporte para caças militares, execução de operações de segurança marítima, prevenção do uso do mar para atividades terroristas e piratas, além de conceder capacidades únicas para respostas a desastres e assistência humanitária (EUA, 2024). Por conta da sua constituição tecnológica, o que inclui propulsores nucleares, o USS Abraham Lincoln é creditado entre os militares estadunidenses como um sistema de armas capaz de exercer essas diversas atividades militares com máxima eficiência.

Segundo o *U.S. Naval Institute* (Gidget, 2024), na mais recente atualização do Abraham Lincoln, há a adição de componentes tecnológicos para o bem-estar de sua tripulação, como lareiras elétricas, WI-FI mais confiável, salão de jogos e um cinema no formato de estádio. Essa informação é destacável, uma vez que, para os militares, o USS Abraham Lincoln é mais do que um navio que concede suporte a operações militares, mas uma cidade encouraçada flutuante, na qual é possível encontrar toda uma estrutura capaz de prover tanto apoio material a um conflito quanto apoio psicológico para os soldados. Essa ideia é confirmada pelo vice-almirante Daniel Cheever, o qual argumenta que esse conforto proporcionado pela tecnologia alinha qualidade de trabalho com qualidade de vida (Gidget, 2024).

A afirmação de Cheever, ele próprio um militar, aponta que há uma ligação entre componentes tecnológicos e a recomposição física e mental dos integrantes da marinha, ou seja, levanta a necessidade dessa tecnologia para o emocional dos militares. Como colocado anteriormente, nossa definição de afetos engloba a questão emocional e, portanto, o que o

USS Abraham Lincoln fornece a seus tripulantes é, também, um suporte afetivo guiado em última instância por empresas de tecnologia que produziram tais atualizações tecnológicas. Em outros termos, o capital fornece um suporte para a manutenção de afetos dos militares desse porta-aviões.

Em 2003, na época do discurso de Bush, o referido porta-aviões ainda não incorporava as tecnologias da sua versão de 2024, mas esse sistema de armas já detinha uma imagem estratégica para o presidente em seu discurso. O que estava em jogo era o uso da estética tecnológica da morte usada em favor da vingança estadunidense em tempos de terrorismo, o uso da imagem de uma super-arma dos EUA para conceder o moral - também uma dinâmica afetiva - não somente ao país, mas, em especial, aos próprios militares que presenciaram o discurso do presidente.

A imagem de que uma fortaleza flutuante e blindada fazia parte do lado estadunidense era imprescindível para tranquilizar corpos e mentes, sendo que a imponência e sensação de blindagem da embarcação só era possível devido à tecnologia empregada para o desenvolvimento do porta-aviões. No entanto, anos depois, em 2008, Bush havia lastimado seu discurso de 2003, uma vez que àquela altura os conflitos no Iraque estavam longe de terem sido finalizados. Isso demonstra que a estética tecnológica, que encanta os militares e os grudam à ideia capitalista de eficiência militar pela tecnologia, não é suficiente para resolver e dar cabo de um conflito.

De fato, a imagem do USS Abraham Lincoln não impediu que grupos insurgentes revertessem os conflitos ao seu favor tanto no Iraque quanto no Afeganistão, ao descentralizar suas operações com o uso de tecnologias da informação menos sofisticadas que os modernos radares e rádios dos EUA (Bousquet, 2024). Mas isso não impede o capital de alimentar os afetos pró-guerra dos militares ao fazê-los acreditar que o contínuo avanço da tecnologia é necessária para suas atividades em campo de batalha. É pela produção de dinâmicas que moldam mentes e corpos militares que o arsenal bélico barroco continua aceito e legitimado pelas forças armadas, bem como por atores políticos.

5 Considerações finais

Os afetos, entendidos aqui como fenômenos que criam a harmonia e a desarmonia na mente e no corpo dos indivíduos, são produzidos pelo capital para que os militares estejam propensos a necessitar de tecnologias que supostamente melhoraram os sistemas de armas. Por meio da estética de imagens tecnológicas barrocas, ou seja, por meio de imagens tecnológicas

complexas que são incorporadas nos sistemas de armas como o porta-aviões USS Abraham Lincoln, a ideia de tecnologia avançada se confunde com eficiência. Em um contexto contemporâneo de expansão de guerras, emoções como o medo, o desejo e o amor por um contínuo aperfeiçoamento, toma as mentes e corpos dos militares e os fazem legitimar e se apegar a um corpo tecnológico que, na verdade, não melhora verdadeiramente seus desempenhos nas guerras. A ineficiência desses sistemas de armas não faz as guerras terem uma solução de fato, pois causam, na verdade, um prolongamento dos conflitos militares. Por sua vez, o capital, fomentado pela continuidade dos conflitos e ao se pôr como solucionador de problemas, acaba por inventar mais arsenais barrocos.

Referências

Afeto. In: DICIONÁRIO Houaiss Online. [S. l], [s.d.]. Disponível em: <https://houaiss.online/houaisson/apps/www2/v7-0/html/index.php>. Acesso em: 12 de out. 2024.

AHMED, Sara. *The Cultural Politics of Emotion*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2a ed., 2014.

ALLIEZ, É.; LAZZARATO, M. *Guerra e Capital*. Introdução e Capítulo 2. São Paulo: UBU editora, 2021.

AMERICA'S Navy. *About Us: USS Abraham Lincoln (CVN 72)*. Disponível em: <https://www.airpac.navy.mil/Organization/USS-Abraham-Lincoln-CVN-72/About-Us/>. Acesso em: 11 de jan. 2025.

BLEIKER, R.; HUTCHINSON, E. Theorizing emotions in world politics. *International Theory*, v. 6, n. 3, 2014.

BLEIKER, R. The Aesthetic Turn in International Political theory. *Millennium*, v. 30, n. 3, p. 509-533, 2001.

BOUSQUET, Antoine. *The Persistent Appeal of Chaoplexic Warfare: Towards an Autonomous S(War)M Machine?* In: Gruszczak, Artur; Kaempf, Sebastian (Orgs.). *Routledge Handbook of the Future of Warfare*. Abingdon and New York: Routledge, 2024.

_____. *The scientific way of warfare: Order and Chaos on the Battlefields of Modernity*. C Hurst & Co Publishers Ltd, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 3a ed, 2013.

BUITRAGO, Sybelle Reinke de. The role of emotions in US Security Policy Towards Iran. *Global Affairs*, v. 2, n. 2, p. 155-164, 2016.

CAMPELLO, Filipe. *Crítica dos afetos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

CHAMAYOU, Grégoire. *Teoria do drone*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CLOUGH, Patricia T. The Affective Turn: Political Economy, Biomedia and Bodies. *Theory, Culture & Society*. Vol. 25, n. 1, p. 1-22, 2008.

COSTS of War. Civilians Killed & Wounded. *Watson Institute for International and Public Affairs*, Brown University. Disponível em:
<https://watson.brown.edu/costsofwar/costs/human/civilians>. Acesso em: 9 de abril, 2025.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa*. Elefante Editora, 2a ed. 2023.

FUENTES, Gidget. *Carrier USS Abraham Lincoln's Latest Upgrade Dials Up Crew Comfort*. Disponível em:
<https://news.usni.org/2024/07/11/carrier-uss-abraham-lincolns-latest-upgrade-dials-up-crew-comfort#>. Acesso em: 11 de jan. 2025.

GLUCKMAN, Amy; REED, Betsy. *Homo Economics: Capitalism, Community, and Lesbian and Gay Life*. Routledge, 1a ed, 1997.

HARDT, Michael. Para que servem os afetos? *Intersemiose*, v. 4, n.7. Pernambuco: UFPE, 2015.

KALDOR, M. *El Arsenal Barroco*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1986.

NUSSBAUM, Martha. *Upheavals of thought: the intelligence of emotions*. Cambridge University Press, 2008.

POULIOT, Vincent. Sobjectivism: Toward a Constructivist Methodology. *International Studies Quarterly*, v. 51, p. 359-384, 2007.

REEVES, Audrey. *Auto-ethnography and the Study of Affect and Emotion in World Politics: Investigating Security Discourses at London's Imperial War Museum*. In.: Clément, Maéva; Sangar, Eric (orgs.). *Researching Emotions in International Relations: Methodological Perspectives on the Emotional Turn*. Londres: Palgrave Macmillan, 2018, p. 103-127.

RETRO News Now. *On May 1, 2003, in what became known as the 'Mission Accomplished' speech, President George W. Bush declared that 'major combat operations in Iraq have ended'*. EUA, 1 de mai. 2018. X: @RetroNewsNow. Disponível em:
<https://x.com/RetroNewsNow/status/991393050403508224>. Acesso em: 11 de jan. 2025.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Recebido em 24 de janeiro de 2025.

Aceito para publicação em 26 de março de 2025.